# A NOÇÃO DE ESPECIE EM ZOOLOGIA

(Vid. pag. 30)

Assim William Herbert affirma que as especies são variedades fixas temporariamente (1822); Grant, d'Edimburgo, diz que as especies novas provêm das antigas por via da transformação (1826); Carl-Ernesto-Baër declara n'uma conferencia feita em 1834 sobre a *Leida evolução dos seres organisados* que é *tout-á-fait enfantine* considerar as especies organicas como typos fixos, immutaveis; Freke pensa que todos os seres organisados descendem de uma fórma primitiva unica (1841); Schleiden nos seus excellentes *Principes de botanique philiosophique* admitte que todas as especies de plantas descendem de fórmas ancestraes communs modificadas pela diversa combinação das forças fundamentaes da materia organizada (1843); Unger adopta as mesmas deias nos seus «*Essais sur une histoire du mond végétal* (1852); Victor Carus considera «les organismes enfouis dans les couches géologiques les plus profondes comme les aieux des êtres qui composent l'ensemble des régnes vivant actuellement, êtres modifiés par un long travail de génération et d'accommodation progressive aux conditions du milieu ambiant» (1853); Schaaffausen declara-se francamente partidario da theoria da descendencia; Herbert Spencer estabelece a necessidade desta theoria em biologia (1858); em 1859 apparece o celebre livro de Darwin sobre a *Origem das Especies* destinado a transformar completamente a Historia natural organica; e Luiz Büchner, e Huxley, e Carl Vogt e Haekel, demonstram que a theoria da descendencia completada com a da Selecção natural é a unica hypothese em harmonia com a philosophia scientifica.

Posto isto, passemos a discutir a definição da especie dada por G. Cuvier e sustentada n'estes ultimos tempos por dois naturalistas eminentes: o professor da Universidade de Boston Luiz Agassiz no seu *Essay on Classification* e por A. de Quatrefages

em differentes memorias. Dissemos que o caracter da «descendencia commum» assignado por Cuvier á especie não é exclusivo d'esta e como tal sem valor para a classificação. Effectivamente o illustre naturalista suppõe que a especie organica é um typo fixo, invariavel, e que todos os individuos que a constituem descendem directa ou indirectamente de uma mesma fórma ancestral, d'um par, d'um casal produzido por um acto creador.

Assim todos carvalhos provem de um só carvalho primitivo, como todos os cães d'um só casal d'estes animaes, como todos os homens «de um pequeno homem e de uma pequena mulher» que Deus houve por bem collocal-os no Paraiso terrestre e fazel-os respeitar de toda a creação. Sem esta ultima medida os dias da humanidade estariam contados e Adão e Eva, nús, desarmados, privados de todos os meios de defeza, não tardariam muito a ser preza de animaes carnivoros em virtude da lei da lucta pela existencia.

(Continúa)

D. Agostinho de Sousa.

# A VESPERA DO PECCADO

## XI

*(Dos «Decadentes»)*

—

(Vid. pag. 27)

A mãe de Luiza vexava-se por semelhante aranzel.

— Oh mulher, dizia, você tudo mette a ridiculo. Deixe-a lá, deixe-a lá.

— Ai filhas, não lhe pego. Olha quem? Era fallar, simplesmente; era fallar.

Tiravam a meza do almoço. Luiza foi-se vestir para a missa e a prima Ferraz entrou logo atraz d'ella. Tinha os olhos esbugalhados, a mão tremula de raiva.

Chegou-se a Luiza.

— Hein? ejaculou. Que te parece tua mãe? Que tudo metto a ridiculo, que tudo metto a ridiculo. Cebo! Não hei de notar que o estafermo traga coisas que lhe não são *proprias*. Tambem não admira: a tal D. Henriqueta é das que eu sei. — E chegando-se mais, com a bocca vertendo improperios:

— Nem do quartel! Sei-o eu, minha rica; seio eu, *tim-tim* por *tim-tim*. Com o coronel então, o d'infanteria, Faustino, ou que raio é..... Uma velhaca! E retrahindo-se:

— Tua mãe não sabe: é claro. Se a prima soubesse!.... Mas custa ouvir, que metto tudo a ridiculo. É boa! Mudaram d'assumpto. Luiza vestia-se. A Ferraz andava á róda, mexendo, tocando invejosamente os cofres, os perfumes, a roupa das gavetas abertas.

— Este annel é que me ficava bem! dizia, mettendo no dedo uma cobra de cinco voltas, com rubis e diamantes.

E d'alli a nada:

— Estou agora bem mal de facto; bem mal! E que me dizes tu á pensão? Posso rezar-lhe por alma. Ai! triste d'uma pobre viuva sem amparo. Toda a semana tinha andado de porta em porta, entregando bilhetinhos de recommendação.

— Sabes? disse ella de repente, que o encontrei.

Luiza enpallideceu. A Ferraz juntou:

— Elle anda a apertar-me para que lhe arranje uma entrevista comtigo.

— Para que?

— Para que ha-de ser? Para um bocado de palestra. Ora ahi está.

— Sendo assim, disse Luiza com uma ideia na mente.

— Está claro. E quasi ao ouvido acrescentou:

— Ámanhã. Ha-de ser ámanhã.

Sahiram para a missa. Na rua o Alfredinho recusou-se a acompanhal-as: tinha de ir com uns rapazes, a uma banda e não era delicado faltar. Que o desculpassem, mas tinha de ir. E escamugiu-se quasi sem licença, dizendo que se não demorava, que estaria a horas de jantar. Conseguira lançar mão a dez tos-

tões esquecidos sobre uma banca; tornava-se necessario gastal-os. Ia com o Salema a Marvilla, de bote. E tinham combinado descançar n'um retiro, á beira mar, para beber do tinto.

As senhoras ouviam missa no Loreto. Luiza gosta muito do templo, a grande solemnidade da penumbra sonora, as capellas frias e profundas em que as douradouras reluzem tristemente, as imagens dos martyres, aureoladas de gloria, e torcendo os corpos de madeira pelos nichos poeirentos. A prima Ferraz preferia S. Julião, porém. Sempre era mais alegre, com feiches de sol entrando pelas vidraças e o liso pavimento em xadrez de mormore resoando ás passadas das velhas devotas.

— Em toda a parte se ouve missa e se faz oração, juntava a mãe de Luiza, consultada. N'outro tempo, inda vá! Quando se faziam as grandes festas nos conventos. Que riqueza! Então, lá se podia, preferir esta ou aquella. Mas assim..... Á porta da igreja encontraram o Fernandes, todo escanhoado e lustroso, de fato preto, o *delta* do nariz plantado de cabellitos, um sorriso tranquillo de bôa pessoa. Tinha dormido a noite inteira, d'um somno unico e sentia-se feliz comsigo. Se sempre iam a Setubal? Está claro que sim, se não houvesse inconveniente. Um lindo dia de inverno, cheio de sol e de mundo. Toda a cidade endomingada estava na ruas. Aos magotes, as familias em festa, seguidas das mamãs corpulentas e cobertas de vidrilhos chinfrins, desciam para o Passeio. Um formigueiro de gente grave e burgueza enchia os asphaltos do Largo das duas Egrejas, fazendo *brouhaha* á porta das tabacarias. Algumas carruagens vomitavam senhoras, e em torno, sobre as claraboias dos telhados, os vidros faiscavam causticantes. A igreja enchia-se pouco a pouco; nas capellas, as luzes acendiam-se.

(Continúa)

FIALHO D'ALMEIDA.

# CAMÕES — RIMAS DE 1607

Na Camoneana que faz parte do catalogo dos livros do fallecido conselheiro Norton vem mencionado, sob o n.º 40 um exemplar das *Rimas* de Camões de 1607 e o n.º seguinte refere outro exemplar da mesma data mas differente. No *Diccionario Bibliographico* allude-se á nota do catalogo, sem se lhe dar, ao que parece, grande fé, e não se acrescenta nada mais a este respeito.

Parece que ao illustre bibliographo occorreu duvida sobre a correcção do catalogo emquanto á existencia de duas edições das *Rimas* com data de 1607.

Existem porém as duas edições, que temos presentes, com a mesma data e differentes porém entre si. Ambas tem o mesmo formato e numero de folhas, mas differem desde o rosto, que em ambas tem os mesmos dizeres, mas n'uma traz por emblema uma esphera e outra o escudo das armas do reino.

Além d'esta differença caracteristica no rosto, os dous exemplares são diversos nos typos, desde as folhas preliminares, tendo n'uma edição o prologo a assignatura do livreiro, assignatura que se não encontra impressa na outra edição. Na edição que tem esphera, o 1.º soneto é em caracteres aldinos (italicos), os outros em redondo uniforme, e as rimas em italico; na outra, o primeiro soneto é em typo redondo grande, os seguintes em redondo de duas qualidades, e as rimas em italico e redondo, especialisando as duas primeiras canções, que são impressas em caracteres redondos: o italico é diverso em ambas as edições, que se dizem ambas impressas por Pedro Crasbeeck.

Da analyse dos dois exemplares resulta que elles não são impressos no mesmo anno e muito menos pelo mesmo impressor. Pedro Crasbeeck foi um impressor notavel, estabelecido em Lisboa desde 1597, cujas edições são relativamente nitidas, como o é a edição da esphera, o que se não dá com a outra edição da mesma data.

A edição das *Rimas* que trazem o escudo real no frontispicio é uma falsificação.

A 10 de outubro de 1605 fôra concedido a Vicencia Lopes, viuva do livreiro Estevão Lopes, previlegio por *dez annos* para a publicação das *Rimas*, e a edição fez-se em 1607, á custa do livreiro Domingos Fernandes. Este livreiro, em 30 de janeiro de 1615 obteve licença para a publicação da 2.ª parte das *Rimas*, isto é, para a publicação de um *quaderno*, como diz a licença, e effectivamente a 2.ª parte, publicada em 1616, compõe-se apenas de dez folhas, acrescentando-lhe o livreiro, para avolumar o livro, as comedias *Os Enfatriões* e o *Filodemo* e tambem a *Obra da Creação* e *composição do homem*, que imprimira no anno antecedente, apesar de saber que esta ultima obra não era de Camões. Domingos Fernandes editava tambem os *Lusiadas* não commentados (1609) e com commentos (1613).

Em 1516 é provavel que estivessem esgotadas as anteriores edições das *Rimas* (1.ª parte) e como estava findo o privilegio concedido a Vicencia Lopes fez uma edição subrepticia para se dispensar do trabalho de obter novo privilegio e escapar-se á censura. Se a edição fosse anterior a 1616, escusava falsificar-lhe a data.

A edição fez-se, mas não sahiu dos prélos de Crasbeeck: o typo redondo não corresponde ao do das suas edições, mas é o mesmo empregado na impressão dos *Enfatriões* é do *Filodemo*; a côr e distribuição da tinta são tambem iguaes ás da edição d'aquellas comedias, impressas em 1515 á custa de Domingos Fernandes em casa de Vicente Alvares. Dá-se ainda a circumstancia de se encontrar no papel dos *Enfatriões* e *Filodemo* a marca d'agua que se encontra no da edição falsificada das *Rimas*.

Tudo portanto nos leva a crer que a edição das *Rimas*, datada de 1607, que têm no rosto o escudo, são impressas em 1616, para alimentar o negocio do livreiro Domingos Fernandes, que inda n'esse anno annunciava a venda das *Rimas*, primeira e segunda parte, e os *Lusiadas*, isto é, as obras de Camões.

TITO DE NORONHA.

# A ASTRONOMIA

Le ciel lui-même est souvent représenté come un arbre gigantesque ; le soleil et la lune montant dans l'espace sont des arbres qui s'élèvent jusqu'au ciel.

(A. de Gubernatis, —*Mythologie des Plantes*, t. I, p. 93-4).

O Sol, heroe das mythologias, religiões, epopeias.

* * *

Os astros! Foram elles os convivas
Do festim secular da humanidade,
Por quem se ouvem chorar lagrimas vivas
Tão cheias de uma intima saudade...

A saudade d'aquellas noites bellas,
Quando os velhos astrologos do Egypto
Decifravam nos olhos das estrellas
O absoluto mysterio do infinito;

E os homens viam uma eterna guerra
No curso regular do Sol sagrado,
Que de mil perolas vestia a terra,
Como sonhando o dia do noivado.

Ah! sim o mundo todo está bem morto
Depois que o mytho se rasgou na altura ;
E em vão Christo talvez gemeu no Horto
Como o Sol numa noute de amargura:

Pois nada vem regenerar a crença
Dos astros bons e santos dos espaços...
Nem uma arvore da floresta immensa
Do ceu, levanta já os hirtos braços...

E comtudo, como era bem cerrado
Esse arvoredo que brilhava ahi,
Onde, no tempo heroico do Passado,
Adormecia Homero e Valmiki.

Mas, se a crença morreu, crença illusoria
Nascida da apparencia primitiva,
E o extincto Tabernaculo da Gloria
Não mais ha-de accendê-lo uma luz viva;

Se profundas blasphemias retumbaram
Contra a phrase cruel de Galileu;
Isso que importa? Os astros ensinaram
Onde é que existe o verdadeiro Ceu.

Porto, 19 de Novembro de 1880.

J. Leite de Vasconcellos.

# MEMORIA HISTORICA

SOBRE

**O destino que desde a mais remota antiguidade deram os homens aos cadaveres**

Pela tradição historica e philosophica, e segundo a Paleontologia, o homem primitivo vive e morre nas cavernas; os seus successores, ou deixam aqui o cadaver e mudam; ou o sepultam. Foram os enterramentos o primeiro destino que tiveram os cadaveres.

Em tempos remotos, diz a Historia que as raças humanas se subdividiram e espalharam pelo mundo. Uns conservaram a tradição do passado, outros a perderam e substituiram por outras crenças.

Remontam á mais alta antiguidade os dous differentes modos de consumir os cadaveres, primeiro pelos enterramentos, depois pela combustão.

Da raça semitica, na qual se comprehendia o povo hebraico, e outros numerosos ramos, alguns conservaram a tradição, e assim depois da morte enterravam os cadaveres.

Abrahão, patriarcha do povo hebreu, apenas morre Sara, sua esposa, compra a Efron o campo aonde havia uma caverna com dous repartimentos, num dos quaes sepulta Sara, e noutro foi elle mais tarde sepultado por seus filhos, Moysés, o legislador, é sepultado no valle do Moab; Samuel é enterrado em sua casa. Assim voltam ás entranhas da terra tanto os principes como os mais infimos do povo.

Pelo contrario, a raça humana que ficou na Asia entregue á philosophia, ensina mais tarde a immortalidade das almas pelas doutrinas da metempsychose, a transmigração das almas de uns corpos para os outros, doutrina que depois Pythagoras alli aprendeu e veio ensinar á Grecia.

O dogma da immortalidade da alma levou estes povos da Asia a não enterrar os mortos, e a consumir os cadaveres pela combustão, para que melhor a alma se desprendesse d'este envolucro terrestre e transmigrasse mais pura d'entre as chammas; e tambem porque tinham o fogo como uma divindade e um elemento mais puro.

Na India, o Brahmane, quando se aproxima a hora da morte, é estendido num leito de relvas, ou de grama, e borrifado com a agoa santa do Ganges, cantando-se neste momento os versiculos dos Vedas; mas logo que expira, lavam e perfumam o seu corpo, e o enfeitam de flores, queimando-o pouco depois. As cinzas, humedecidas com agua lustral, são recolhidas, primeiro confiadas á terra e finalmente deitadas ao Ganges com novas ceremonias.

O padre Amiot, escrevendo a vida de Confucio, assim diz do legislador chinez: «=Quando sua mãe morreu, tornou a pôr em prática os antigos ritos, que estavam esquecidos havia muitos annos ; fez-lhe os funeraes, e tomou todo o cuidado para que

fosse enterrada ao lado de seu pae, ambos em caixões espessos, o marido para o Oriente, e a mulher para o Occidente, com os pés para o Sul e a cabeça para o Norte; conservou por tres annos luto pesado.=»

Póde concluir-se que na primitiva do genero humano os enterramentos eram vulgares; mas depois uns continuaram com os enterramentos e outros com a combustão, segundo as ideias religiosas e philosophicas que predominavam.

Os Egypcios, tendo em grande veneração os seus antepassados, não enterravam nem queimavam os cadaveres; para evitar a putrefação e destruição, foram os primeiros povos da antiguidade que levaram ao mais alto gráo de perfeição a arte de embalsamar os cadaveres. As mais preciosas reliquias d'este povo eram as mumias dos seus progenitores.

(Continúa)

SIMÃO RODRIGUES FERREIRA.

# PHILOSOPHIA DOS EGYPCIOS

## I

Os Egypcios quizeram passar pelo povo mais antigo da terra, e como tal se imposeram. Os seus sacerdotes eram venerados, e faziam por merecer essa veneração. Transmittiam ao conhecimento do povo apenas a vã e pomposa ostentação do seu culto, e a reputação da sua pretendida sabedoria tornava-se tanto maior, quanto mais mysteriosa a patenteavam, limitando-se a communical-a a um pequeno numero de homens escolhidos, de cuja descrição estavam certos.

Os Egypcios tiveram reis, um governo, leis, sciencias, e artes muito antes de possuirem a escriptura. Por conseguinte, as fabulas accumuladas durante muitos seculos corromperam as suas tradições. Foi então que elles recorreram á hierogliphica, cuja

comprehensão não foi nem muito facil nem muito geral para que subsistisse por muito tempo.

Os differentes povos do Egypto soffreram frequentes inundações, os seus antigos monumentos ruiram, os seus primeiros habitantes dispersaram-se, um povo estrangeiro estabeleceu-se nas suas provincias desertas; guerras, que succederam, misturaram os novos egypcios de transfugas de todas as nações circumvisinhas. Os conhecimentos, os usos, os custumes, as ceremonias, os idiomas, tudo se baralhou e confundiu. A verdadeira interpretação da hierogliphica, confiada aos socerdotes, obliterou-se. Tratavam de reanimal-a, mas esses tentamens deram origem a uma levada de opiniões e seitas. Os historiadores escreveram as coisas como ellas eram no seu tempo, mas a corrente vertiginosa dos acontecimentos lançou em seus escriptos uma diversidade necessaria. Essas differenças foram tidas por contradições, e reuniram numa mesma data o que se referia a épocas diversas. Tudo se via perdido em um labyrintho de difficuldades reaes, a ponte de o Egypto se tornar um enygma, indicifravel quasi.

(Continúa)

ADOLPHO SALAZAR.

# JUANITA

(Vid. pag. 31)

## III

O tempo corria silencioso, as machinações armavam-se em segredo. Juanita curava de tornar menos horripilante á sua exaltada imaginação o futuro que ella propria tinha preparado. Eduardo, longe dos encantos do seu berço natal e da mulher que lhe enlevava a alma, estava conformado com a crueldade do Destino e só pensava em voltar para Sevilha.

Os paes de Juanita fallavam no casamento da filha como quem falla na descoberta de uma mina de oiro. O marido que lhe tinham destinado era um pedantesinho com fumos de nobreza e com ares de sapiencia. O engravatado peralvilho era bem recebido na primeira sociedade, porque rescendia a aromas consoladores de uma flôr que todos prézam — o dinheiro.

As damas do *high-life* olhavam-no com requebro e acenavam-lhe com um *chic* particular. Elle correspondia-lhes com uma risadinha atoleimada e desenxabida de quem tem medo de mostrar os dentes.

Juanita aborrecia-o e, de cada vez que o via, despedia contra elle acres ironias, que só sabem pronunciar as mulheres que soffrem e que amam.

O enamorado fidalgo recebia as settas com a satisfação de quem não discrimina o bom do máo.

Em casa, nos bailes e passeios, elle fazia de *factotum* da bella sevilhana.

E ella comprazia-se em tornal-o desprezivel aos olhos do mundo!...

O dia do casamento approximava-se, faziam-se os preparativos e as modistas estavam prestes a dar o ultimo ponto nos fólhos do vestido nupcial.

O noivo de Juanita andava smi-doido: entrava nas lojas por uma porta e sahia pela outra sem ter comprado o que queria, nas tabacarias esquecia-se da boquilha e não comprava os charutos, no alfayate deixava a *badine*, no sapateiro os sapatos, no chapelleiro o chapeu.

Á noite via-se n'um espelho e tinha horror ao encarapinhado da cabeça e ao desarranjo da gravata. Á tarde passava duas, trez, dez, vinte vezes por casa de Juanita e, quando ella lhe batia com a janella em cheio na cara elle ria-se satisfeito e exclamava:

— Que gracinha, que gracinha!

(Continúa)

MONT'ALVERNE DE SEQUEIRA.

# MYTHOLOGIA PORTUGUEZA

## TRADIÇÕES POPULARES

(Vid. pag. 35)

O Diabo foge, quando o gallo canta á meia-noute, á hora em que a Noute, esse outro Mal, começa a fugir ao Sol, esse outro Bem.

A Noite é considerada pelo nosso povo de um modo verdadeiramente mythico:

Uma Viuva presumida,
Toda de luto vestida,
E de *flores* coroada
E do *Velho* perseguida:
Quando o *Velho* a persegue,
Ella faz a retirada [1].

---

1 As *flores* são as estrellas. O *Velho* é o Dia. A gente diz vulgarmente: *É dia velho, é noute velha.* Esta nossa concepção popular do Diabo fugindo ao canto do gallo póde talvez receber como explicação a analogia que apresentamos. O Diabo é a noute; o Sol é o gallo. Effectivamente esta ave era consagrada ao Sol. A crença de que o canto do gallo expulsa os Diabos é commum a outros paizes. (Vid. o nosso art. « Fastos do Povo Port. » no *Penafidelense.*

Talvez que a *missa* e e *gallo* da meia noite do Natal tenham a mesma origem, porque o Natal é a festa do Solsticio do Inverno. Christo aqui é o Sol.

Os ajuntamentos do Diabo são em algumas partes ao sabbado, na vespera do *dia do Sol* ( o Domingo, Sunday).

A' meia-noute é exactamente a hora em que a noute foge, e o dia (isto é, o Sol) começa a vir. Cf. os versos acima.

O povo chama ás vezes *tendeiro* ao Diabo. Uma cantiga o diz tambem.

Mas ha ainda na vida popular outra consagração do Diabo.

O costume de attribuir a certos personagens as edificações extraordinarias é universal: o Mexico tem Montezuma, edificador do aqueducto Tezcuco; na Nova Zelandia foi o heroe Kupe que formou o estreito de Cook; na Persia é Antar o constructor de todos os edificios arruinados: na França é Gargantua, o famoso heroe de Rabelais; na Russia, Pedro o Grande; na Hispanha é Carlos 5.º ou Boabdil; o Monte Abyla e o Calpe foram separados por Hercules [1].

Entre nós ordinariamente certas construcções ou se attribuem de uma maneira geral aos Mouros, ou se dão como obras de gigantes, de santos ou do Diabo.

O Diabo, do mesmo modo que na Suissa (a ***Ponte do Diabo*** na estrada do valle de Schellenem), em França (Ponte Saint—Cloud), na Belgica (Bruxellas), construiu em Portugal um grande numero de pontes (Ponte de Val-Telhas, e Abreiro, junto a Mirandella, ponte de Alliviada, ponte de Missarella).

A ponte de Val-Telhas, disse-me gente de Torre-de-Dona-Chama foi feita numa noute. Alguem que alli passou á meia noute viu o Diabo a trabalhar e ouviu:

Gallo preto,
Gallo branco,
Ande o canto.

Ao outro dia de Madrugada, o Diabo dizia:

Gallo branco,
Gallo pinto,
Pare o pico.

* * *

[1] Vid. Tylor, — Civil, Primitiv., trad. fr., t. I, pag. 456; e Desor, *Melanges Scientifiques*, p. 200, etc.

O povo portuguez é nimiamente religioso. O regimen catholico atrophiou-o. Por isso, grande parte das suas lendas são *piedosas*, e grande numero das suas cantigas são *ao divino*.

Poucas (ou talvez nenhumas) terras ha, que não possuam o seu santo milagreiro.

Um dia de festa para o povo é um dia de gloria: e naquellas terras onde costuma haver festas annuaes, falla-se no *dia da nossa festa* como no de um notavel acontecimento.

(Continúa)

J. Leite de Vasconcellos.

# REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

**OS JESUITAS, por Teixeira Bastos; Lisboa, editor Antonio Furtado, escriptorio da ERA NOVA, 1880, 20 pag.**

O estabelecimento da *Companhia de Jesus* foi devido, como todos os factos d'esta natureza, a causas muito complexas. Um dos grandes impulsos do cerebro humano é o sentimento da *novidade*. Nós vemos as creanças, quando andam a estudar um livro num certo ponto, desejarem sempre passar para um novo capitulo; as mudanças de casa, de roupa, de terra, de estado, servem de outros tantos prazeres, mais ou menos intensos, á maior parte das pessoas. Em ordem mais elevada, é claro que a intensidade cresce. Ora, a ideia da Companhia de Jesus assim que, producto de influencias psychologicas e sociaes, germinou no eremita de Manreza, propagou-se facilmente, e logo uns poucos de amigos de Loyola se acercaram d'ella.

O *meio* (sec. XVI) foi outro influente. Os espiritos estavam ainda exaltados desde a Edade-Media, e Luthero agitava o facho fecundo de Reforma. Era preciso um dique á torrente revolucionaria.

Nada talvez terá de estranho, o segredo do poder da Companhia. Protegida pelos Pápas, pelos Reis, e portanto, senhora do confessionario do pulpito e da instrucção, não podia deixar de se impor como se impoz. Além disso, sabe-se que a união faz a força, e não houve certamente instituição mais unida de que os Jesuitas. Tambem elles empregaram bem o principio da divisão do trabalho, porque, como diz o nosso amigo Te-

xeira Bastos, auctor do folheto em questão: « — Em toda a parte precisavam de gente e por isso sabiam utilisar todas as aptidões ; o que não sabia dominar o espirito do rei, saberia decerto sacrificar-se como martyr na India, na America ou atemorisar com a descripção phantastica do inferno os pobres habitantes de uma aldeia. — » (pag. 15).

A acção dos jesuitas é bem conhecida. Como seita catholica, não podia deixar de desviar as intelligencias da estrada recta da verdadeira sciencia. Os padres e os frades acham-se todos no estado *theologico*, emquanto que o seculo caminha a passos largos para o estado *positivo*. *A' priori* mesmo podemos ver o que ha a esperar dos Jesuitas. Bem fizeram por consequencia o Marquez de Pombal em 1759, e o governo francez em 1880 expulsando-os dos respectivos paizes. Bem fez o nosso amigo e collaborador T. Bastos dando á luz o seu bello folheto para actuar sobre os peitos portuguezes que ainda porfiem em abrir os braços a quem traz comsigo a banalidade e esterillidade da Rhetorica. Applaudindo a ideia do folheto, cumpre-nos recommendal-o como uma obra brilhantemente escripta, prova do elevado talento do seu auctor.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

* * *

## Revista da Sociedade de Instrucção do Porto.

A par de muita reação e desleixo, é innegavel que no nosso paiz se vae operando um salutar movimento intellectual. A *Sociedade de Instrucção do Porto*, na qual se acham filiadas tantas intelligencias notaveis, não só se tem feito interprete d'esse movimento promovendo conferencias, mas creando agora uma *Revista* cujo titulo nos serve de epigraphe. Esta *Revista* será destinada principalmente a « = animar os pedagogos intelligentes e dedicados, e cooperar com elles para reconstituir as tradições historicas que determinaram as mais valiosas feições do caracter da nacionalidade portugueza. — »

Apoiamos a generosa ideia da illustre Sociedade e aguardamos anciosos a nova publicação.

* * *

— Recebemos e agradecemos o 1.º n.º do *Jornal de Agricultura* do Porto. E' de muita utilidade para os nossos agricultores.

—D'outras publicações tinhamos que fallar ; mas reservamo-nos para os numeros seguintes.

J. Leite de Vasconcellos.